

Ano V, v.2 2025 | submissão: 07/11/2025 | aceito: 09/11/2025 | publicação: 11/11/2025

Memória coletiva, natureza e colapso cultural em *Ensaio sobre a cegueira*

Collective memory, nature and cultural collapse in an Essay on blindness

Kizze Nathianny Campos Viegas

Marcia Manir Miguel Feitosa

RESUMO

Este artigo analisa a obra *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, sob a perspectiva da memória coletiva, fundamentando-se na teoria de Maurice Halbwachs e ampliando o debate com as contribuições de Pierre Nora e Paul Ricoeur. A partir da metáfora da cegueira, a narrativa dramatiza o colapso dos vínculos sociais e da cultura, enfatizando a importância da memória como sustentação da identidade coletiva e da civilização. A discussão evidencia como a perda dos quadros sociais da memória leva à desumanização, ao mesmo tempo em que destaca a possibilidade de reconstrução da cultura por meio da narrativa e da solidariedade. O artigo contribui para compreender a memória coletiva como processo dinâmico, indispensável para a manutenção da cultura e da condição humana.

Palavras-chave: memória coletiva; José Saramago; *Ensaio sobre a cegueira*; cultura.

ABSTRACT

This article analyzes José Saramago's *Blindness* from the perspective of collective memory, based on Maurice Halbwachs's theory and expanded through the contributions of Pierre Nora and Paul Ricoeur. Using the metaphor of blindness, the narrative dramatizes the collapse of social bonds and culture, emphasizing the importance of memory as the foundation of collective identity and civilization. The discussion reveals how the loss of social frameworks for memory leads to dehumanization, while also highlighting the possibility of cultural reconstruction through narrative and solidarity. The article contributes to understanding collective memory as a dynamic process essential to maintaining culture and human condition.

Keywords: collective memory; José Saramago; Blindness; culture.

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. (Halbwachs, *A memória coletiva*)

1 INTRODUÇÃO

O romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago (1995) apresenta uma narrativa distópica em que uma súbita epidemia de cegueira branca atinge uma cidade não nomeada, provocando o colapso das instituições e da convivência social. A cegueira, nesse contexto, extrapola o campo fisiológico e se configura como metáfora da falência da racionalidade e da estrutura social, revelando uma crítica à condição humana em situações-limite. Um dos aspectos centrais da obra é a ruptura das referências identitárias e sociais dos personagens, o que evidencia a desintegração da memória coletiva.

A partir da perspectiva teórica de Maurice Halbwachs (1990), compreende-se que a memória individual está intrinsecamente ligada aos quadros sociais que a sustentam. Quando esses quadros se fragmentam, como ocorre com os personagens privados de visão, espaço e laços comunitários, a memória se desestrutura, comprometendo a identidade e os vínculos sociais. Assim, a obra de Saramago pode ser analisada como uma alegoria da perda da memória coletiva, entendida como o elo



Ano V, v.2 2025 | submissão: 07/11/2025 | aceito: 09/11/2025 | publicação: 11/11/2025

que articula indivíduos ao grupo e à história.

Este artigo objetiva analisar a construção e a desconstrução da memória coletiva na obra *Ensaio sobre a cegueira*, à luz da teoria desenvolvida por Halbwachs, além de propor a discussão de como a perda da visão se associa à ruptura da memória e da identidade coletiva e como a figura da mulher do médico simboliza a resistência e a preservação da memória social. Espaços como o manicômio e a cidade contribuirão para confirmar a construção ou apagamento da memória.

2 A CEGUEIRA COMO RUPTURA DA MEMÓRIA

A teoria da memória coletiva, proposta por Maurice Halbwachs, parte do princípio de que a memória individual não existe de forma isolada, sendo sempre moldada pelos grupos sociais aos quais o sujeito pertence. Em sua obra *A memória coletiva* (1990), Halbwachs argumenta que todo ato de lembrar é condicionado pelas estruturas sociais como família, religião, classe social ou instituições, que oferecem ao indivíduo os “quadros sociais da memória”. Assim, a memória é, essencialmente, uma construção coletiva e relacional. Como cita em sua obra:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 1990, p.30).

Portanto, para Halbwachs, lembrar é um processo coletivo, mesmo quando parece ser pessoal. Essa ideia rompe com a noção de que a memória é um fenômeno puramente psicológico ou individual. Em vez disso, ele mostra que a sociedade está presente em nossas lembranças, moldando-as constantemente.

Para o autor, a memória não é um repositório fixo de lembranças, mas um processo de reconstrução contínua, mediado pelas experiências compartilhadas e pelo contexto social. Ele afirma que “é na sociedade que o homem adquire a lembrança” (Halbwachs, 1990, p. 48), o que significa que as recordações individuais apenas fazem sentido quando referenciadas a um grupo social que fornece significados e formas de reconhecimento. A identidade pessoal, nesse sentido, só se consolida em relação às memórias coletivamente sustentadas.

Quando os quadros sociais são rompidos, seja por guerras, desastres, exílio ou, no caso da obra de Saramago, uma epidemia, ocorre uma espécie de apagamento simbólico da memória. Isso implica não apenas a perda de referências do passado, mas também a impossibilidade de projetar o futuro. A ausência de um grupo capaz de validar e compartilhar lembranças leva à fragmentação da identidade e à vulnerabilidade psíquica e social do indivíduo.

A memória coletiva também se manifesta nos espaços físicos e simbólicos, como locais de

Ano V, v.2 2025 | submissão: 07/11/2025 | aceito: 09/11/2025 | publicação: 11/11/2025

culto, monumentos, cidades, rituais e narrativas. Pierre Nora (1993), ao desenvolver o conceito de *lugares de memória*, reforça a ideia de que os espaços desempenham papel crucial na ancoragem das lembranças coletivas. Quando tais espaços são destruídos ou desfigurados, há um esvaziamento da função simbólica da memória.

No campo literário, a representação da memória coletiva permite analisar como os vínculos sociais são estabelecidos ou rompidos na ficção, refletindo tensões culturais, políticas e históricas. Segundo Ricoeur (2007), a memória narrada é também uma forma de identidade: contar a história de um grupo ou de um trauma coletivo é uma maneira de dar sentido à experiência vivida. Nesse sentido, *Ensaio sobre a cegueira* pode ser lido como uma narrativa de ruptura e, ao mesmo tempo, de possível reconstrução da memória social.

A partir desses pressupostos, torna-se possível observar como a obra de Saramago encena, por meio da metáfora da cegueira, a desestruturação dos mecanismos de memória e identidade, oferecendo uma crítica às fragilidades da sociedade moderna diante do colapso da coletividade.

No romance de José Saramago, a súbita epidemia de cegueira branca não se configura apenas como a perda de um sentido físico, mas como uma metáfora da desarticulação dos vínculos sociais e da dissolução da memória coletiva. Segundo Halbwachs (1990), a memória individual está profundamente condicionada pela pertença a grupos que compartilham valores, símbolos e referências comuns. Com a cegueira, os personagens perdem não apenas a capacidade de ver, mas também os marcos que os conectam à coletividade.

Desde o início da narrativa, a ruptura é perceptível com a internação compulsória dos cegos em um antigo manicômio, criando um grupo social artificial e caótico, no qual se apagam os marcos de identidade, papel social e moralidade. O espaço de confinamento funciona como um não-lugar da memória: sem objetos familiares, sem nomes, sem hierarquias visíveis, os personagens tornam-se anônimos. A identidade não se perde, mas é reduzida a papéis funcionais, como “o médico” ou “o velho da venda preta”, o que compromete a memória social:

Durante todo o Ensaio, podemos constatar a ausência dos nomes das personagens e, conseqüentemente, a falta de referência identitária. Elas são classificadas apenas pelos papéis sociais e funções que exercem antes de perderem a visão. Essa abordagem adotada pelo narrador denota a própria violência sistêmica praticada pelo Estado, que, num sistema não solidário, coisifica os personagens e desvaloriza os sujeitos, comparando-os como mercadorias (Ossaka, 2022).

Essa abordagem revela um tipo de violência simbólica e sistêmica praticada pelo Estado, especialmente em contextos autoritários e excludentes. Nesse tipo de sistema não solidário, impessoal e excludente os indivíduos deixam de ser vistos como sujeitos com história, memória e dignidade, sendo tratados como objetos ou mercadorias, cuja única relevância está no papel que desempenham.

Nesse cenário, a violência e o instinto de sobrevivência substituem os códigos éticos e sociais

Ano V, v.2 2025 | submissão: 07/11/2025 | aceito: 09/11/2025 | publicação: 11/11/2025

previamente compartilhados. Conforme HALBWACHS (1990. p. 31), sem um grupo que atue como suporte da memória, o indivíduo não consegue reconhecer a si mesmo nem ao outro. A degradação das relações no manicômio, marcada por episódios de estupro, dominação e indiferença, simboliza a falência dos laços sociais sustentados pela memória coletiva:

No meio do átrio, rodeando as caixas de comida, um círculo de cegos armados de paus e de ferros de cama, apontados para a frente como baionetas ou lanças, fazia frente ao desespero dos cegos que os cercavam e que, em desajeitados intentos, forcejavam por penetrar na linha defensiva, alguns, com a esperança de encontrarem uma aberta, um postigo deixado mal fechado por descuido, aparavam os golpes nos braços levantados, outros arrastavam-se de gatas até esbarrarem com as pernas dos adversários, que os recebiam com pontoadas nos lombos e pontapés (Saramago, 1995, p. 138-139).

A passagem do romance dialoga com a citação inicial, especialmente no que diz respeito à degradação dos laços sociais e à perda da memória coletiva como suporte da identidade e da convivência ética.

No trecho descrito, a organização de grupos armados que defendem com violência o acesso à comida revela um colapso completo das normas sociais e morais. A selvageria substitui a solidariedade, e o instinto de sobrevivência se impõe sobre qualquer traço de civilidade. Isso confirma o que Halbwachs (1990) aponta: sem um grupo estruturado que funcione como suporte da memória coletiva, os indivíduos perdem a capacidade de se reconhecer como parte de uma comunidade.

Assim, a cena dos cegos armados em círculo reforça visual e simbolicamente o argumento teórico: quando a memória coletiva se rompe, a identidade individual e os vínculos humanos também se desintegram, dando lugar à barbárie.

O espaço do manicômio, isolado da sociedade e mergulhado na cegueira (metáfora da alienação, da desumanização), simboliza esse colapso: a violência como os espancamentos e estupros mencionados na análise e a indiferença se tornam norma, pois não há mais memória coletiva que sustente os valores compartilhados. Os cegos já não se veem como sujeitos sociais, mas como inimigos, o que evidencia uma falência da empatia e da coesão social, substituídas pela lógica da força bruta:

Amanhecia quando os cegos malvados deixaram ir as mulheres. A cega das insónias teve de ser levada dali em braços pelas companheiras, que mal se podiam, elas próprias, arrastar. Durante horas haviam passado de homem em homem, de humilhação em humilhação, de ofensa em ofensa, tudo quanto é possível fazer a uma mulher deixando-a ainda viva. Já sabem, o pagamento é em gêneros, digam aos homenzinhos que lá têm que venham buscar as sopas, escarnecera à despedida o cego da pistola (Saramago, 1995, p. 178).

As mulheres são submetidas a sistemáticas violências sexuais como moeda de troca por comida, e isso revela o ápice dessa degradação. As práticas de dominação, estupro e escárnio instauram um regime de exceção que remete àquilo que Giorgio Agamben (2002) conceitua em *Homo*

Ano V, v.2 2025 | submissão: 07/11/2025 | aceito: 09/11/2025 | publicação: 11/11/2025

Sacer: o poder soberano e a vida nua como "vida nua" (*vita nuda*), um estado de existência em que o ser humano é reduzido à sua dimensão biológica, desprovida de dignidade, direitos ou proteção simbólica.

Nesse preciso momento a cega das insônias foi-se abaixo das pernas, literalmente, como se lhas tivessem decepado de um golpe, foi-se-lhe também o coração abaixo, nem acabou a sístole que tinha começado, finalmente ficámos a saber por que não podia esta cega dormir, agora dormirá, não a acordemos. Está morta, disse a mulher do médico, e a sua voz não tinha nenhuma expressão, se era possível uma voz assim, tão morta como a palavra que dissera, ter saído de uma boca viva (Saramago, 1995, p. 178).

A personagem, identificada como "a cega das insônias", morre de forma abrupta, como se tivesse sido golpeada fisicamente, mas sabemos que sua morte é resultado de um esgotamento emocional, psíquico e simbólico extremo. Ela não dormia porque o horror era insuportável. Quando morre, finalmente "dormirá", mas esse descanso vem apenas com o fim da vida. Há aqui uma ideia de exaustão existencial.

Halbwachs (1990), em sua teoria da memória coletiva, defende que a memória individual está sempre ancorada em quadros sociais: "É na sociedade que o homem adquire a lembrança. É também na sociedade que ele a conserva e onde a recorda". Lembrar é um ato social: só conseguimos lembrar dentro de estruturas simbólicas e coletivas que dão sentido às nossas experiências.

No entanto, no contexto do estado de exceção e da violência extrema, ocorre uma ruptura nesses quadros de referência. Isso fica evidente nessa parte do romance. A violência sistemática destrói os vínculos simbólicos que sustentam a memória coletiva. O estupro, o medo, a degradação física e simbólica não apenas causam traumas individuais, mas interrompem a capacidade do grupo de lembrar e transmitir sentidos.

A morte da cega, narrada com frieza pela mulher do médico, expressa esse colapso: a perda da capacidade de simbolizar o sofrimento. A linguagem falha, a voz não tem mais expressão. A memória, portanto, também é afetada, pois não há mais quadro social possível para dar conta da dor. O silêncio toma o lugar da fala. A violência radicaliza o esquecimento, instaura o esquecimento forçado, o que também é uma forma de dominação.

Nesse ambiente de privação, o manicômio representa não apenas um espaço físico, mas um espaço simbólico de ruptura com a memória coletiva, conforme propõe HALBWACHS (1990). Sem a presença de um grupo estruturado que mantenha vivos os referenciais éticos e culturais, os indivíduos deixam de reconhecer o outro como semelhante. Essa ausência de reconhecimento implica uma crise identitária, em que os personagens não apenas perdem a visão, mas também perdem a capacidade de empatia, condição fundamental para a coesão social.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 07/11/2025 | aceito: 09/11/2025 | publicação: 11/11/2025

2.1 Espaço, silêncio e apagamento da memória

O espaço físico desempenha um papel fundamental na narrativa e na teoria de Halbwachs. A cidade desfigurada, abandonada e coberta por resíduos e sujeira torna-se símbolo do colapso da organização social e do esvaziamento dos “lugares de memória” (Nora, 1993). As ruas, antes reconhecíveis, agora são labirintos inóspitos; as casas, antes espaços de segurança e identidade, são invadidas, saqueadas e esquecidas. Não há mais uma geografia simbólica que permita a reconstrução das memórias partilhadas.

Esse apagamento do espaço público é acompanhado por um apagamento da linguagem. O silêncio torna-se recorrente e a comunicação entre os personagens se dá por grunhidos, súplicas ou agressões. Ao perder a linguagem articulada, os sujeitos perdem também a possibilidade de partilhar lembranças, o que contribui para o colapso da memória coletiva.

Como observa Ricoeur (2007, p. 86), a memória depende da narração e, onde não há narrativa, a memória se desagrega. Em *Ensaio sobre a cegueira*, a ausência de narradores confiáveis dentro da ficção é compensada pelo narrador onisciente, que ironiza e comenta os fatos, funcionando como uma tentativa de preservar a memória da tragédia que se desenrola:

A rapariga dos óculos escuros também foi levada à casa de seus pais por um polícia, mas o picante das circunstâncias em que a cegueira, no seu caso, se declarou, uma mulher nua aos gritos num hotel, alvoroçando os hóspedes, enquanto o homem que estava com ela tentava escapulir-se enfiando atabalhoadamente as calças, moderava, de certa maneira, o dramatismo óbvio da situação. A cega, corria de vergonha, sentimento em tudo compatível, por muito que rossem os prudentes fingidos e os virtuosos falsos, com os mercenários amatórios a que se dedicava, após os gritos lancinantes que começou a soltar ao compreender que a perda da visão não era uma nova e imprevista consequência do prazer (Saramago, 1995, p. 35-36).

A passagem sobre a rapariga dos óculos escuros exemplifica isso com precisão. O narrador descreve a cena de sua cegueira com um tom que mistura crueza, ironia e crítica social. Ele expõe as circunstâncias escandalosas da situação: uma mulher nua, num hotel, com um homem tentando vestir-se às pressas, mas, em vez de apenas narrar o fato, oferece também uma reflexão crítica sobre os julgamentos morais que a sociedade impõe. O narrador denuncia a hipocrisia social que cerca o trabalho sexual e humaniza a personagem diante da tragédia.

Ao refletir sobre a ligação entre memória e identidade, Ricoeur argumenta: “é pela narrativa que configuramos o tempo da ação e construímos a identidade do sujeito” (Ricoeur, 2007, p. 141). Assim, na ausência dos quadros sociais e dos lugares de memória, como nos mostra Saramago, resta ainda a possibilidade da reconstrução por meio da narrativa, função que a mulher do médico assume ao acompanhar e testemunhar os eventos vividos:

Ano V, v.2 2025 | submissão: 07/11/2025 | aceito: 09/11/2025 | publicação: 11/11/2025

[...] tão longe estamos do mundo que não tarda que comecemos a não saber quem somos, nem nos lembramos sequer de dizer-nos como nós chamamos, e para quê, para que iriam servir-nos os nomes, nenhum cão reconhece outro cão, ou se lhe dá a conhecer, pelos nomes que lhes foram postos, é pelo cheiro que identifica e se dá a identificar, nós aqui somos outra raça de cães, conhecemo-nos pelo ladrar, pelo falar, o resto, as feições, cor dos olhos, da pele, do cabelo, não conta, é como se não existisse [...] (Saramago, 1995, p. 64).

Na passagem citada da obra, “tão longe estamos do mundo que não tarda que comecemos a não saber quem somos, nem nos lembramos sequer de dizer-nos como nós chamamos” (Saramago, p. 64), há uma clara demonstração desse processo de desintegração identitária. Os personagens deixam de se reconhecer como indivíduos: perdem seus nomes, seus traços físicos tornam-se irrelevantes. Isso simboliza o colapso dos *quadros sociais da memória*, conceito de Halbwachs que aponta que a identidade é moldada por meio de referências coletivas como a linguagem, os rituais, os espaços e os laços interpessoais.

No entanto, como observa o próprio Ricoeur, mesmo na ausência desses quadros sociais e lugares de memória, ainda resta a narrativa como possibilidade de reconstrução da identidade. Em *Ensaio sobre a cegueira*, essa função é desempenhada especialmente pela mulher do médico. Ela é a única que mantém a visão, mas também a única que preserva a capacidade de lembrar, relatar e, sobretudo, testemunhar. Sua função vai além de cuidar dos outros: ela observa, registra mentalmente, sente culpa e compaixão, ou seja, ela narra interiormente os acontecimentos, e com isso conserva o fio da memória e da identidade. Como propõe Ricoeur, a identidade narrativa não se constrói apenas com o que se vê ou se vive, mas com o que se conta, se lembra e se transmite.

2.2 A mulher do médico: guardiã da visão e da memória

A única personagem que não perde a visão ao longo da narrativa é a mulher do médico. Sua condição de “testemunha ocular” da barbárie confere a ela um papel singular: ela não apenas vê, mas também recorda. Sua visão representa a continuidade dos quadros sociais da memória, já que ela é capaz de observar, compreender, proteger e, sobretudo, narrar.

Ao ajudar os cegos a se organizarem, a dividirem tarefas, a buscarem comida e a cuidarem uns dos outros, ela atua como mediadora entre a desordem e a tentativa de rearticular os vínculos sociais perdidos. Pode-se dizer que ela encarna a função descrita por HALBWACHS (1990): a de a gente que ancora as lembranças individuais em experiências partilhadas. Ao fim da narrativa, quando os personagens retornam às suas casas, é por meio da visão e da memória da mulher do médico que se inicia a reconstrução possível da coletividade.

Sua função de guardiã da memória não está apenas em lembrar do que houve, mas em preservar a humanidade dos que perderam a capacidade de ver e de se reconhecer. Assim, sua permanência como vidente não é um privilégio físico, mas uma responsabilidade ética e social. Ela



Ano V, v.2 2025 | submissão: 07/11/2025 | aceito: 09/11/2025 | publicação: 11/11/2025

representa o elo entre passado, presente e futuro, elemento essencial para a reconstituição da identidade coletiva.

3 O COLAPSO DA CULTURA E O RETORNO À NATUREZA: memória e condição humana

Em *Ensaio sobre a cegueira*, Saramago representa o colapso da cultura como resultado direto da perda dos vínculos sociais e da memória coletiva. A epidemia de cegueira branca, ao comprometer a capacidade de ver e de se reconhecer no outro, desestrutura os pilares da vida civilizada e lança os sujeitos a um estado de regressão. A cultura, entendida como o conjunto de práticas simbólicas, normas éticas, instituições e narrativas que organizam a experiência humana, cede lugar à sobrevivência instintiva e à violência generalizada.

A oposição entre natureza e cultura torna-se um eixo estruturante da obra. Com o desaparecimento das instituições e da linguagem simbólica elementos essenciais da cultura, os personagens se aproximam de uma condição natural, na qual imperam o medo, a fome, a força e o instinto. As cenas de violência, dominação e indiferença no manicômio e, posteriormente, na cidade devastada, evidenciam a ruptura do pacto civilizatório. O ser humano, desprovido de quadros de referência social, já não se reconhece como parte de uma coletividade e passa a agir de modo isolado, impulsionado por necessidades básicas.

Nesse contexto, é possível estabelecer um paralelo com a concepção de Thomas Hobbes (1651), que descreve o estado de natureza como uma condição de conflito permanente. Segundo o autor, “durante o tempo em que os homens vivem sem um poder comum que os mantenha a todos em respeito, estão naquela condição que se chama guerra; e essa é a guerra de todos contra todos” (Hobbes, 2003, p. 90). Nessa situação, afirma Hobbes, a vida humana é “solitária, pobre, sórdida, brutal e curta” (Hobbes, 2003, p. 91), caracterização que se aproxima da experiência dos cegos na narrativa de Saramago, lançados a uma existência precária, sem lei nem garantias.

Segundo Halbwachs (1990), é a memória coletiva que sustenta a continuidade da cultura, pois permite que os indivíduos se situem no tempo e no espaço, ancorando suas experiências nas narrativas partilhadas pelo grupo. Quando os quadros sociais da memória se rompem, o sujeito perde a capacidade de reconstruir o passado e de projetar o futuro, sendo lançado a um presente contínuo e desorientado, semelhante ao estado de natureza hobbesiano.

A cidade descrita por Saramago transforma-se em um espaço de ruínas, onde a paisagem urbana, símbolo da racionalidade e da cultura, é dominada por cadáveres, animais mortos, lixo acumulado e silêncio. Os espaços públicos perdem sua função simbólica e tornam-se zonas de abandono. Não se trata de um retorno à natureza em sentido idealizado ou romântico, mas da exposição da precariedade da civilização diante de sua própria cegueira moral e estrutural:

Ano V, v.2 2025 | submissão: 07/11/2025 | aceito: 09/11/2025 | publicação: 11/11/2025

As ruas estão desertas, por ser ainda cedo, ou por causa da chuva, que cai cada vez mais forte. Há lixo por toda parte, algumas lojas têm as portas abertas, mas a maioria delas estão fechadas, não parece que haja gente dentro, nem luz. (Saramago, 1995, p. 214).

Ainda assim, a narrativa sugere uma possibilidade de reconstrução cultural. A mulher do médico, que preserva a visão ao longo de toda a história, representa a memória viva da humanidade. Sua capacidade de narrar, cuidar e recordar torna-se instrumento de resistência contra a barbárie. Por meio dela, Saramago aponta para a importância da memória como forma de reinstituir a cultura e reumanizar os sujeitos após o colapso. Assim, a obra evidencia que, mesmo em contextos extremos, é pela memória coletiva que a cultura pode ser restaurada e a condição humana, reafirmada.

A cultura, entendida como o conjunto de valores, saberes, instituições e práticas simbólicas que organizam a vida social, desmorona rapidamente no romance. Com a propagação da cegueira, instituições como o governo, a medicina, o exército e os meios de comunicação tornam-se impotentes. A racionalidade científica, que outrora sustentava a confiança no progresso humano, revela-se incapaz de conter a regressão à barbárie. Como diz o narrador, "Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos". Essa afirmação sugere que, despidas das camadas civilizatórias, as pessoas revelam a essência de sua condição humana, por vezes cruel, por vezes resiliente.

O retorno à natureza se dá não no sentido romântico ou idealizado, mas como uma regressão forçada a instintos primitivos de sobrevivência. Sem regras sociais, os cegos confinados na quarentena instauram um regime de força, em que o mais forte subjuga o mais fraco. A linguagem, a ética e a memória, elementos constitutivos da cultura, são postos à prova. A escassez de comida, a sujeira e o abandono fazem com que os personagens retornem a um estado quase animalizado. A cena em que um dos cegos declara: "Acho que não estamos cegos, acho que estamos cegos que veem, cegos que, vendo, não veem", sintetiza a crítica saramaguiana: a cegueira real apenas revela a cegueira moral e social já instalada na cultura contemporânea.

A memória, enquanto componente fundamental da identidade humana, também é tensionada no romance. A perda da visão torna-se metáfora da perda da história e do sentido. Ao perderem a referência visual do mundo, os personagens perdem também o senso de continuidade e pertencimento. No entanto, é justamente através da memória e da linguagem que alguns tentam resistir ao caos. A mulher do médico, única que conserva a visão, torna-se guardiã da esperança e da memória, papel que indica a importância do testemunho e da empatia na reconstrução possível da cultura.

Por fim, o colapso representado por Saramago não é apenas social, mas profundamente existencial. Ele denuncia a fragilidade de uma civilização que acredita na racionalidade como escudo contra o abismo. O retorno à natureza, nesse sentido, revela a ambiguidade da condição humana: capazes tanto de destruir quanto de reconstruir. Ao final, quando os cegos começam a recuperar a visão, a esperança de reabilitação se insinua. Mas a advertência permanece SARAMAGO (1995,

Esse processo de degradação encontra paralelos com outras dimensões analisadas na obra. No capítulo que trata da ética e da solidariedade, por exemplo, é possível ver que, mesmo em meio ao caos, há lampejos de humanidade. A mulher do médico, que não é contaminada pela cegueira, representa a consciência desperta, ela enxerga não apenas com os olhos, mas com a responsabilidade moral de quem assume o sofrimento do outro. Ela alimenta os famintos, limpa os doentes, enterra os mortos. Sua atitude contrasta com a bestialidade que se instala no manicômio, mostrando que a cultura pode ruir, mas a ética, mesmo reduzida a poucos gestos, ainda resiste.

A questão da linguagem também se liga diretamente ao colapso cultural. Em um ambiente onde não se vê, as palavras ganham um peso diferente: tornam-se táteis, urgentes, às vezes inúteis. O narrador, em estilo característico de Saramago, utiliza frases longas, pontuação mínima e diálogos sem marcação clara, o que simboliza a confusão e a ruptura do sentido. No entanto, é através da linguagem, ainda que fragmentada, que os personagens tentam se organizar, consolar-se, nomear a dor. Em última instância, é com a linguagem que se preserva a memória coletiva, e é com a memória que se pode reconstruir a cultura.

Para Maurice Halbwachs, a memória é sempre coletiva, ainda que se manifeste individualmente. A lembrança só é possível dentro de um contexto social que fornece os marcos de reconhecimento. O autor afirma que “é na sociedade que o homem adquire a lembrança, se lembra, reconhece e localiza suas lembranças” (Halbwachs, 1990, p. 48). Isso significa que a memória individual depende dos chamados “quadros sociais da memória”, como a família, o grupo religioso ou a classe social. Quando esses quadros são destruídos, como ocorre na obra de Saramago, a memória entra em colapso, e os sujeitos perdem a capacidade de se situar no tempo e no espaço.

A obra, assim, dialoga com o presente de forma contundente. A cegueira branca pode ser lida como metáfora da cegueira contemporânea diante da injustiça, da desigualdade e da banalização do sofrimento. A crítica de Saramago é política e existencial: vivemos numa sociedade que vê, mas não enxerga; que sabe, mas não age. O retorno à natureza, nesse caso, é também o desmascaramento da falsa ideia de progresso, revelando o quão frágeis somos sem os laços simbólicos que sustentam nossa condição de humanos.

Como diz a mulher do médico, em um dos trechos mais marcantes do livro não somos cegos, estamos cegos, cegos sem olhos, cegos que, vendo, não veem. (Saramago, 1995, p. 130). A frase encerra a crítica maior do romance: a verdadeira cegueira é a da consciência, da empatia e da memória. Enquanto essa persistir, o colapso da cultura não é uma ficção distópica, é uma possibilidade sempre à espreita.



CONCLUSÃO

A análise de *Ensaio sobre a cegueira*, a partir da ótica da memória coletiva segundo Maurice Halbwachs, e complementada pelas reflexões de Pierre Nora e Paul Ricoeur, evidencia como José Saramago tematiza a fragilidade dos vínculos sociais e a importância da memória para a constituição da cultura e da identidade humana. A cegueira, metáfora da perda da visão física e simbólica, representa a desarticulação dos quadros sociais que sustentam a memória coletiva, lançando os indivíduos em uma condição análoga ao estado de natureza hobbesiano, marcado pela ausência de regras e pela violência.

A ruptura dos suportes sociais da memória, como família, instituições e espaços simbólicos, conduz ao esvaziamento do significado e à regressão a uma existência pautada no instinto e na sobrevivência imediata. Essa análise dialoga com a crítica de Pierre Nora sobre a crise dos lugares de memória na modernidade e com a abordagem hermenêutica de Paul Ricoeur, para quem a memória é necessariamente narrativa, um processo de reconstrução e ressignificação.

Saramago, portanto, não apenas expõe os perigos do esquecimento social e coletivo, mas também indica a possibilidade de resistência e reconstrução da memória através da solidariedade, da narrativa e da empatia, representadas na figura da mulher do médico, guardiã da visão e da humanidade. Dessa forma, o romance funciona como um alerta ético e político sobre a importância de preservar a memória coletiva para a manutenção da cultura e da civilização.

Em suma, o diálogo entre literatura e teoria social revela que a memória coletiva é um elemento fundamental para a coesão social e para a constituição da identidade dos indivíduos enquanto seres históricos. A obra de Saramago, ao dramatizar a perda e a possível restauração dessa memória, contribui para o entendimento da memória não apenas como um passado estático, mas como um processo vivo e dinâmico, indispensável para a reconstrução de um futuro compartilhado.]

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, J. J. P. *Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago, e a pós-modernidade*. Orientadora: Regina Zilberman. 2015. 42 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: [link não informado]. Acesso em: 17 jul. 2025.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 1990.

HOBBS, T. *Leviatã, ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

NORA, P. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7–28, dez. 1993.



Ano V, v.2 2025 | submissão: 07/11/2025 | aceito: 09/11/2025 | publicação: 11/11/2025

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RIOS, F. *Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo*. *Revista Intratextos*, v. 5, n. 1, p. 1–22, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>.

SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.